

FACULDADE DE LETRAS

Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

História

1º ano



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO

1993/94

378(05)
Gu
e14

L.B = 65 + 164

FACULDADE DE LETRAS
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE
XIV



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO

1993/94

378(05)

Orsi

**Guia do Estudante da FLUP. HIS. 1º ano
Vol. 14, 1993-94
Publicação Anual**

**Dactilografia: Ana Cristina Mendes
Execução e Impressão: Oficina Gráfica
Tiragem: 175 exemplares**

INTRODUÇÃO

GUIA DO ESTUDANTE

INTRODUÇÃO

A publicação anual do Guia do Estudante é uma tradição que os sucessivos Conselhos Directivos da FLUP têm mantido, respondendo desta forma à necessidade de fornecer aos alunos uma resenha tanto quanto possível completa dos conteúdos programáticos e das bibliografias essenciais das diversas disciplinas dos diferentes cursos ministrados na Faculdade.

Esta é a 14^a edição. Para além do apoio à actividade de leccionação propriamente dita, o Conselho Directivo pretende fornecer ao estudante um conjunto de informações que importa conhecer para que a vida académica decorra sem sobressaltos nem improvisações.

De entre as matérias contidas no Guia, permitimo-nos chamar a atenção para dois aspectos: o primeiro refere-se às normas de avaliação. Tratando-se de matéria muito sensível e importante para a vida de cada um, é fundamental que as regras emanadas do Conselho Pedagógico sejam bem conhecidas por todos os interessados, que neste caso são os alunos mas também os docentes. O segundo tem a ver com a produção do saber que uma Faculdade digna não pode descuidar: por isso, indicar-se-ão as Publicações, os Colóquios, os Congressos e outras reuniões científicas em que a Faculdade se empenhou ou vai empenhar.

O passado tem confirmado a inegável e a plural utilidade desta brochura. Oxalá a edição de 1993/94 continue a prestar os serviços relevantes conhecidos e possa constituir um elo de união entre todos os que intervêm na nossa comunidade escolar.

Porto e Faculdade de Letras, Agosto de 1993

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo
Conselho Consultivo.

SERVIÇOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.

Horário normal de abertura ao público:
de 2^a a 6^a feira: 14H00 - 16H30
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Horário de atendimento:
de 2^a a 6^a feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30
Encerra ao Sábado.

C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os utilizadores devem possuir o cartão de leitor, o qual deverá ser revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

- a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);
na Sala de Obras de Referência (livre acesso);
- b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

- a) Onomástico
- b) Didascálico
- c) CDU (Classificação Decimal Universal)
- c) Cardex (Publicações Periódicas)
- d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos)
- e) Bases de dados locais.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), e nas bases de dados locais, pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura: (Excepto nos períodos de férias)

2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H00

4. Leitura de presença

4.1. Obras em depósito.

4.1.1. Para a leitura de presença, o leitor só pode requisitar 3 obras de cada vez.

4.2. Obras em livre acesso (Sala de leitura e de Referência)

4.2.1. A estas obras poderá o leitor aceder directamente, ficando estabelecido que não deverá voltar a colocá-las nas estantes, mas num local designado para esse efeito.

5. Leitura domiciliária

5.1. Podem ser requisitadas 3 obras diferentes simultaneamente.

5.2. O empréstimo de obras para leitura domiciliária processa-se entre as 14h e as 18h e a sua devolução deverá ocorrer impreterivelmente 48 horas depois de terem sido requisitadas.

5.3. As requisições das mesmas obras podem ser renovadas, quando não haja prejuízo para outros leitores.

6. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

7. Estão disponíveis para pesquisa em CD-ROM diversas bases de dados cuja utilização obedece a um regulamento afixado na Biblioteca.

8. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico (Semestral), 1979 ss.

Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989.

Trabalhos de Docentes da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico -Anexo II", Porto, 1989.

Núcleo das Obras que constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto, 1990.

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos, "Boletim Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990.

Bibliografia Temática:

- 1- "Biblioteconomia e Documentação", 1989.
- 2- "Educação, Pedagogia, Didáctica", 1989.
- 3- "Biblioteconomia, Documentação, Arquivística", 1989.
- 4- Biblioteconomia. Documentação. Arquivística, 1991.
- 5- Literatura Medieval. Cultura Medieval, 1992.
- 6- Sociologia, 1992

Boletim de Sumários, 1988 ss.

Reservados da Biblioteca Central, 1^a ed., 1989; 2^a ed., 1990

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Ingleses, Porto, 1991

Dissertações Académicas, Porto, 1992

Núcleo Documental da Sala Brasileira, Porto, 1992

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação:

Instituto de Estudos Ingleses

- " de Estudos Norte Americanos
- " de Estudos Germanísticos
- " de Geografia
- " de Cultura Portuguesa
- " de Arqueologia
- " de Documentação Histórica Medieval
 - " de Filosofia e História da Filosofia
 - " de História de Arte
 - " de Língua Portuguesa
 - " de Literatura Comparada
 - " de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
 - " de Sociologia
 - " de Ciências da Educação
 - " de Estudos Franceses

Sala Brasileira

- " Espanhola
- " Neerlandesa
- " de História Moderna
- " de História Medieval

Centro de História

- " de Linguística
- " de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

D - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:
2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H30

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:
2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H00
Encerra ao Sábado, normalmente.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:

2^a a 6^a feira - 7H30 - 23H00

Sábados- 7H30 - 13H00.

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História

História (Variante Arte)

História (Variante Arqueologia)

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia

Sociologia.

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3º, 4º e 5º anos).

b) Tradução

C - Cursos de pós-graduação:

a) Mestrados: História Medieval

História Moderna e Contemporânea

História da Arte

Arqueologia

História da Cultura Portuguesa (Época Moderna)
Filosofia do Conhecimento
Filosofia Medieval
Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas
Estudos Anglo-Americanos
Linguística Portuguesa Descritiva

- b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Opção "Bibliotecas e Documentação"; Opção "Arquivos"
c) Curso de Pós-Graduação em Museologia.

D - Curso de Português para Estrangeiros.

E - Cursos de Formação Contínua de Professores.

F - Actividades de extensão cultural - O Ciclo de Conferências promovidas pelo Conselho Directivo no ano lectivo anterior, terá continuidade no presente ano lectivo. Foi já publicado o texto da 1ª Conferência, proferida em 31 de Março de 1993: SOVERAL, Eduardo Abrantes de, Meditação Heideggeriana, Conferências da FLUP, Ed. do Conselho Directivo, 1993

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório (Port. 850/87):

1º ano:

a) os alunos que concluem a licenciatura (plano de estudos antigo) têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

b) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação a Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa a Metodologia do Inglês.

2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro e de Dezembro só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

2. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios, encontra-se publicado na Port. 659/88, de 29 de Setembro.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

III - Informa-se que a Unidade de Apoio aos Alunos Deficientes (UAAD), da Pró-Reitoria da Universidade (Acção Social Universitária e Assistência Médica), presta apoio psico-social e médico-pedagógico aos estudantes invisuais. Neste âmbito a UAAD promove também a passagem de textos de apoio em Braille, com a colaboração da Associação de Cegos do Norte de Portugal.

No que concerne a aquisição do material específico, por parte destes alunos, dispõem os mesmos de cassetes, a preço mais acessível, no Centro de Documentação e de material didáctico dos Serviços Sociais da Universidade do Porto (SSUP).

Mais se informa que a Pró-Reitoria aguarda uma resposta da Biblioteca Pública Municipal do Porto, sobre uma proposta de colaboração para a gravação de textos de estudantes invisuais da Universidade do Porto.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

a) Os alunos interessados nestes cursos poderão optar pelo curso de tradução em Inglês-Português, de Francês-Português ou de Alemão-Português.

b) Serão candidatos à admissão nestes cursos, os alunos inscritos no 2º ano, que reunam as condições de transição para o 3º ano do respectivo curso.

c) Os candidatos serão seleccionados de acordo com as médias obtidas nos dois primeiros anos do curso.

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.
2. Mudança de variante em LLM: os pedidos dos alunos da FLUP só podem ser considerados depois de terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram.
3. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.
2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 21.7.92)

No desempenho das funções que lhe competem segundo os Estatutos da Universidade do Porto e os Estatutos da Faculdade de Letras e de acordo com a legislação em vigor, o Conselho Pedagógico aprovou as Normas de Avaliação de Conhecimentos para o ano lectivo de 1992-1993. Estas Normas contêm algumas alterações pontuais relativamente às normas vigentes no ano anterior, por se ter entendido que era necessário reajustar alguns dos critérios às necessidades que a prática pedagógica demonstrou existirem. Em alguns outros casos entendeu-se por bem ser-se mais claro e rigoroso na formulação dessas mesmas normas; finalmente, o Conselho deliberou propor à Escola a abolição das segundas chamadas da primeira época, alargando, em contrapartida, o número de exames que os alunos podem realizar na segunda época (Setembro).

(À data da publicação deste Guia esta proposta aguarda ainda parecer favorável do Conselho Científico da FLUP e subsequente homologação da Reitoria).

A. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Artº 1º - Caracterização das modalidades de avaliação

1. Admitem-se as seguintes modalidades de avaliação:

- a. Avaliação contínua.
- b. Avaliação periódica.
- c. Avaliação final.

2. Nos termos do ponto 1 do artigo 5º é permitida a combinação, numa mesma cadeira, da modalidade de avaliação contínua com uma das outras modalidades de avaliação.

3. Além das modalidades de avaliação referidas há ainda o caso particular das disciplinas que funcionam em seminário e que têm requisitos especiais regulamentados nestas normas no artigo 18º.

4. Em disciplinas determinadas pelo respectivo docente poderão existir, em alternativa ou em combinação com outras modalidades, trabalhos de investigação ou de campo definidos nos termos dos artigos 2º e 17º.

5. Em casos determinados em consequência do conteúdo científico da disciplina, pode ser obrigatoria a existência de trabalhos de campo ou de investigação.

Artº 2º - Definição inicial da avaliação e sua apresentação

1. No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina, o docente deve comunicar o plano de avaliação e dialogar com os alunos acerca dos seus diferentes aspectos, explicitando de acordo com as disposições respectivas destas normas:

a) Objectivos pedagógico-didácticos;

b) modalidades de avaliação, com referência à existência ou não de avaliação contínua e à forma como, dentro dos limites impostos nestas normas, eventualmente será combinada com outras modalidades;

c) existência ou não de trabalhos de investigação obrigatórios e/ou facultativos;

d) os índices e critérios de ponderação final de cada uma das componentes de avaliação (trabalhos de investigação, trabalhos de campo, diferentes componentes de avaliação nas aulas práticas e teóricas, seja em avaliação periódica, seja em avaliação contínua).

e) o número e o tipo de testes mínimo para a respectiva disciplina na modalidade de avaliação contínua.

2. Aquilo que for definido em 1. deve obrigatoriamente ser registado pelo docente respectivo no livro de sumário máximo até ao 5º sumário.

3. O plano de avaliação terá em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

a) número de alunos;

b) número de docentes;

c) natureza da disciplina e conteúdos leccionados.

4. Todos os alunos devem tomar conhecimento desde o início do ano lectivo do plano de avaliação de cada uma das disciplinas em que estão inscritos. Em caso algum poderão invocar desconhecimento desse plano nos momentos de avaliação.

B. AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 3 - Tipos de provas

1. A modalidade de avaliação contínua terá no mínimo seis provas por ano lectivo distribuídas regularmente consistindo na realização complementar ou em alternativa de vários tipos de provas: trabalhos escritos e orais, relatórios de leitura ou de trabalho de campo, elaboração de bibliografias críticas, testes escritos ou orais, etc.

2. Uma das provas tem de ser um teste escrito realizado na própria sala de aula e em presença do docente.

3. Os alunos devem ser e estar claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação, conforme o registado no livro de sumários nos termos do artigo 2º.

4. Os alunos devem ser e estar informados sobre todos os elementos de avaliação, incluindo os trabalhos orais e a participação oral nas aulas, assim como dos critérios de ponderação adoptados.

5. As classificações de avaliação contínua devem ser regularmente comunicadas ao aluno e publicadas até uma semana antes do prazo limite de desistência de avaliação contínua.

6. As classificações de avaliação contínua são ponderadas em números inteiros na escala de 0 a 20 para efeitos de afixação nas pautas oficiais, conforme o estipulado no artigo 19º destas normas.

Artº 4 - Funcionamento das aulas

1. A avaliação contínua pode ser realizada em qualquer disciplina, em turmas cuja frequência média não excede 30 alunos.

2. O quantitativo referido no ponto anterior pode ser alterado após autorização do Conselho Pedagógico havendo recomendação do docente ou requerimento dos alunos.

3. As disciplinas ou turmas que funcionam no regime de avaliação contínua podem ter aulas durante a interrupção motivada pelas primeiras provas de avaliação periódica, mediante acordo entre professor e alunos.

Artº 5 - Combinacão de modalidades de avaliação

1. Caso exista uma nítida distinção entre aulas teóricas e aulas práticas, uma mesma disciplina pode funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente às aulas teóricas; avaliação contínua relativamente às aulas práticas.

2. A ponderação da parte prática e da parte teórica da disciplina deve, neste caso, ser concretamente explicitada nos termos do artigo 2º, sendo responsabilidade do docente indicar o índice de ponderação efectivo de cada uma delas na média final da disciplina.

3. Nas disciplinas em que esse índice não tenha sido efectivamente fixado, cumprindo o disposto no artigo 2º, vigora uma ponderação de 50% para cada uma das componentes, prática e teórica, sendo para tal obrigatoria nota mínima de 8 a cada uma das componentes.

4. Na situação prevista no ponto 1, em caso de avaliação negativa (inferior a 8) numa das componentes da disciplina, a classificação positiva da outra componente poderá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

Artº 6 - Exigência de presença às aulas

1. A avaliação contínua obriga à presença do aluno no mínimo em 75% das aulas.

2. A presença dos alunos é verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.

3. Na situação do número 1 do artigo 5º, os alunos ficam obrigados a este regime de presenças apenas em relação às aulas práticas.

Artº 7 - Inscrição e desistência

1. A inscrição nesta modalidade de avaliação é feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.

2. Os alunos podem desistir da avaliação contínua, até ao fim da primeira semana a seguir às férias do Natal no caso das Línguas Vivas; e até à primeira aula a seguir às férias da Páscoa nas restantes disciplinas. Os alunos que desistirem da avaliação contínua só poderão submeter-se à avaliação final.

3. A desistência efectua-se por comunicação escrita, datada e assinada e entregue pessoalmente ao professor.

Artº 8 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação contínua é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei geral e conforme o estipulado no ponto 5 do artigo 14º.

C. AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 9 - Tipos de provas

1. O número de provas a realizar é de duas, sendo uma obrigatoriamente na presença do docente e podendo a outra ser um trabalho realizado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno, nos termos do artigo 2º.

2. Além das disciplinas referidas no ponto um, nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes terão um estatuto próprio e a sua realização deve ser previamente acordada entre docente e alunos, nos termos do artigo 2º.

3. Quaisquer outras provas, orais e escritas, que venham a ser realizadas no âmbito de cada disciplina são facultativas excepto no caso das línguas vivas, conforme o estipulado no artigo 13º, relativo à obrigatoriedade de uma prova oral.

4. As provas só podem incidir sobre matéria leccionada até 8 dias antes da sua realização.

5. Sempre que as classificações das provas que excedam o número mínimo de duas sejam consideradas para efeito de média final, devem ser publicadas em pauta como as restantes.

Artº 10 - Repescagem

1. Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar simultaneamente com a primeira chamada do exame final da época normal.

2. A nota de uma das provas de avaliação periódica tem de ser obrigatoriamente positiva para o aluno poder realizar a prova de repescagem.

3. Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa das provas, ou a ela tenham faltado, têm direito a repescagem sobre a matéria respeitante àquela prova nas condições do ponto 2.

4. Também têm direito a realizar a prova de repescagem os alunos que tenham obtido numa das provas 8 valores, desde que a média final não seja positiva.

5. A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui.

6. Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota.

7. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação periódica, a média final tem de ser positiva e em nenhuma das provas obrigatórias a nota pode ser igual ou inferior a sete valores.

Artº 11 - Inscrição e desistência

1. A inscrição do aluno nesta modalidade de avaliação considera-se efectiva pela sua presença na primeira prova de avaliação periódica.

2. Alunos que não compareçam à primeira prova, mas queiram optar por esta modalidade de avaliação, devem informar o responsável da cadeira até dez dias úteis após o reinício das aulas.

3. Presume-se que um aluno que não cumpra com o disposto em nenhum dos dois pontos acima referidos optou pela modalidade de avaliação final.

4. Um aluno que não compareceu à segunda prova de avaliação periódica perde, por isso, o direito a esta modalidade de avaliação salvo se comunicar ao professor até três dias úteis após a realização da mesma que tenciona manter-se nesta modalidade.

5. Presume-se que um aluno que não cumpra com o procedimento referido no ponto 4 deste artigo optou pela avaliação final.

6. A desistência de uma prova durante a sua realização equivale à classificação de zero valores.

7. Um aluno que compareça a duas ou mais provas de avaliação periódica perde o direito à desistência desta modalidade de avaliação, não podendo realizar exame final na época normal, excepto nos casos contemplados no ponto 7 do artigo 14º, relativo aos alunos do 4º ano.

Artº 12 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno em avaliação periódica que não tenha tido classificação positiva na primeira prova, compareça à segunda e não tenha igualmente classificação positiva nesta ou dela desista, considera-se reprovado.

2. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação periódica é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei geral e conforme os artigos 14º e 16º das actuais normas.

Artº 13 - Tipos de provas em línguas vivas

1. Sem prejuízo do exposto nos artigos 9º, 10º e 11º, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais.

2. As provas escritas são em número de duas e precedem a oral, obrigando a uma média mínima de nove valores, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

3. Cabe aos docentes fixar o momento de realização, observando o intervalo mínimo de 48 horas (dias úteis) após a fixação dos resultados das provas escritas, segundo o estipulado no artº 20º.

4. A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas e segundo o estipulado no artigo 19º destas normas.

5. Em línguas vivas a prova oral funciona sempre como uma prova autónoma com a finalidade de avaliar a capacidade de expressão oral do aluno, não podendo nunca ser entendida como prova de repescagem das provas escritas.

6. Para efeitos de média final nenhuma das três provas realizadas pode ter uma classificação inferior a oito valores.

D. AVALIAÇÃO FINAL

Artº 14 - Tipo de provas

1. O exame final é constituído por uma prova escrita e, se necessário ou requerido, uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta.

2. Na primeira época de exames finais há apenas uma chamada por cada disciplina, tal como nas épocas de recurso e especial.

3. Nas disciplinas em que seja obrigatória a realização de uma prova prática no exame final, esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo previamente realizado ao longo do ano lectivo, desde que para tal haja acordo entre professor e aluno, nos termos do artigo 2º.

4. Os alunos podem realizar exames sem limite quantitativo a qualquer disciplina em regime de avaliação final na época de Setembro.

5. Para os alunos que realizem exames na segunda época (Setembro) como recurso de classificações negativas obtidas na primeira época, em qualquer modalidade de avaliação, existe um limite de duas disciplinas anuais e quatro semestrais.

6. Na época especial (normalmente em dezembro), os alunos podem prestar provas de exame final a duas disciplinas ou quatro semestrais (no máximo), desde que com a aprovação em tais disciplinas reúna as condições necessárias à obtenção de grau ou diploma.

7. Os alunos do 4º ano dos diversos cursos podem realizar recurso da classificação de avaliação periódica ou avaliação contínua na época de exames finais, em alternativa a Setembro.

Artº 15 - Exames para melhoria de classificação

1. Os alunos podem requerer melhoria de classificação apenas uma vez a cada disciplina. Esta melhoria pode ser realizada até à época de recurso do ano lectivo seguinte àquele em que os alunos obtiveram aprovação.

2. Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de classificação no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas respectivas, têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministraram os referidos programas.

3. Os alunos podem requerer melhoria de classificação relativamente a qualquer disciplina e sem restrição numérica de disciplinas.

4. No exame para melhoria de nota prevalece a classificação mais elevada.

Artº 16 - Provas orais em avaliação final

1. As provas orais devem realizar-se em salas de aula abertas ao público e perante um júri constituído por um número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

2. Cabe aos docentes determinar o momento da realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 48 horas (dias úteis) após a afixação da classificação da prova escrita correspondente.

3. A nota mínima de admissão à prova oral é de nove valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no artº 19.

4. Os alunos que obtenham na prova escrita nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral sem que, no entanto, lhes seja vedado requerê-la no prazo de 48 horas (dias úteis) após a afixação da classificação da prova escrita.

5. Sempre que se realize uma prova oral em avaliação final, o resultado será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral, arredondada para números inteiros, na escala 0 a 20, segundo o estipulado no artº 19.

6. Nas disciplinas de línguas vivas a prova oral é sempre obrigatória, desde que o aluno tenha obtido nota igual ou superior a 8 valores.

7. O regime de obrigatoriedade da prova oral pode ser estendido a qualquer outra disciplina que não as línguas por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela disciplina e ouvido o Conselho Científico.

E. TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO E SEMINÁRIOS

Artº 17 - Definição de trabalho de investigação

1. Considera-se um trabalho de investigação um trabalho em que haja pesquisa bibliográfica e documental original e individualizada e cuja apresentação e dimensão obedeça a certos requisitos mínimos previamente acordados entre docente(s) e aluno ou grupo de alunos.

2. Os critérios, métodos, prazos e formas de realização devem ser discutidos com o docente no início da realização do trabalho; o docente deve acompanhar de perto a elaboração do trabalho em todos os seus trâmites.

3. Os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho podem ter uma classificação diferenciada em função da sua participação individual desde que essa diferenciação seja objectivamente fundamentada e esta possibilidade tenha sido comunicada pelo docente no início do trabalho.

Artº 18 - Seminários

1. Os seminários são disciplinas incluídas nos currículos das licenciaturas e designadas enquanto tal nos termos da legislação em vigor.

2. Para efeitos de avaliação, docente e aluno ficam obrigados a participar num número de reuniões a determinar no início do seminário.

3. A avaliação a realizar nessas reuniões é de natureza qualitativa.

4. Para todos os efeitos consideram-se essas reuniões equivalentes a provas de qualquer outro sistema de avaliação ainda que sem prejuízo dos trabalhos a realizar.

5. Os trabalhos de investigação realizados no âmbito dos seminários obedecem às normas estipuladas no artigo 17.

6. Todas as decisões quanto às modalidades de avaliação, organização e funcionamento do seminário, deverão ficar registadas no livro de sumários, à semelhança do estipulado no artigo 2º.

F - APRESENTAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES E SUA APLICAÇÃO

Artº 19 - Forma de apresentação das classificações

1. Todas as notas relativas a provas ou a trabalhos que servem de fundamento à classificação final bem como esta última são publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20) em pautas datadas e assinadas pelo docente da disciplina.

2. As classificações afixadas em pauta são apresentadas em números inteiros.

3. Para o cálculo de médias finais as décimas são arredondadas à unidade por defeito até ao meio valor, exclusive, e por excesso a partir do meio valor, inclusive.

4. Quaisquer outras escalas utilizadas pelo docente no âmbito das suas classificações terão de ser convertidas à escala referida nos pontos anteriores para efeitos de classificações finais e periódicas.

Artº 20 - Prazos de afixação das classificações

1. Os resultados da primeira prova de avaliação periódica devem ser afixados até, no máximo, 30 dias antes da realização da primeira prova de avaliação periódica.

2. Os resultados da segunda prova de avaliação periódica devem ser afixados, em dias úteis, até 48 horas antes da realização da prova de repescagem respectiva.

3. Os resultados dos exames devem ser afixados, em dias úteis, até 48 horas antes da realização das provas orais respectivas, com indicação explícita do dia e hora em que estas se realizam.

4. Os resultados das provas orais devem ser afixados no próprio dia em que as provas se realizaram.

5. Os resultados dos exames da segunda época devem ser afixados até 24 horas antes da data do início do prazo das inscrições nas disciplinas do ano lectivo seguinte.

6. Estes prazos vigoram sem prejuízo de quaisquer outros que os Conselhos Pedagógico e Directivo venham a determinar e publicitar em tempo oportuno.

G - CONDIÇÕES DE PRESTAÇÃO E CONSULTA DAS PROVAS

Artº 21 - Consulta das provas

1. Os alunos têm direito de consultar as suas provas e outros elementos de avaliação depois de classificadas, desde que na presença do docente.

2. Em caso de prestação de prova oral os alunos têm o direito de conhecer a classificação da prova escrita correspondente.

3. Caso o Conselho Pedagógico considere existir alguma irregularidade processual nas classificações ou lhe seja remetido algum requerimento apontando tais irregularidades, tomará as providências que entender necessárias no sentido de resolver a situação.

Artº 22 - Condições de prestação de provas e casos de fraude

1. No início de cada prova o docente deve informar claramente os alunos acerca das condições de prestação da prova.
2. Em caso de fraude comprovável o docente deve anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.
3. Caso haja apenas suspeitas de fraude deve o docente comunicar todas as informações sobre a sua fundamentação ao Conselho Pedagógico, o qual tomará posição depois de ouvidas todas as partes envolvidas.
4. No caso de fraude grave comprovada o Conselho Pedagógico comunicará o facto à secção disciplinar do Senado Universitário.

Artº 23 - Identificação dos alunos no momento de prestação de provas

1. Os docentes encarregados de vigiar quaisquer provas devem exigir aos alunos documento comprovativo da sua identidade.
2. Os docentes encarregados de vigiar provas de avaliação periódica e exames finais devem fazer circular uma folha de presenças e recolher as assinaturas de todos os alunos presentes; essa folha de presenças devidamente datada e rubricada, deve ser entregue ao docente responsável da disciplina juntamente com as provas respectivas.

H - CALENDÁRIO DE PROVAS

Artº 24 - Direito a reclamação relativa ao calendário de provas

1. Dadas as dificuldades na elaboração do calendário nos cursos com múltiplas variantes, está previsto um prazo para reclamações relativas a coincências de provas de disciplina do mesmo ano. O prazo é de 48 horas (dias úteis) depois de afixados o calendário das provas.
2. As reclamações devem ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico e entregues à Secretaria da Faculdade; o Presidente do Conselho Pedagógico delegará num ou mais membros deste Conselho o poder de resolução destas situações.

Calendário das provas em 1992-1993

Avaliação periódica:

Primeiras provas: de 24 de Janeiro a 12 de Fevereiro de 1994 (Reinício de aulas: 14 de Fevereiro de 1994)

Segundas provas: de 23 de Maio a 11 de Junho de 1994

Fim de aulas: 20 de Maio de 1994

Exames finais:

Época normal: de 13 Junho a 2 de Julho de 1994.

Época de recurso: de 11 de Setembro a 1 de Outubro de 1994

PUBLICAÇÕES

I - REVISTAS

Cale, Revista da Faculdade de Letras, I, Porto, 1966

Revista da Faculdade de Letras - Séries de:

História, I série: 1971-1974; II série: 1984 ss.

Filosofia, I série: 1970-1973; II série: 1985 ss.

Filologia, I série, 1973

Línguas e Literaturas, II série: 1984 ss.

Geografia, 1985 ss.

Sociologia, 1991 ss.

Portugalia (Instituto de Arqueologia), nova série, 1980 ss.

Runa, Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984 ss.

Revista Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto), 1990 ss

Revista de História (INIC/Centro de História da Univ. do Porto), 1978 ss

II - OUTRAS PUBLICAÇÕES

CRUZ, António - *Papéis da Restauração. Selecção e Estudo Prévio por...*, I, Porto, Faculdade de Letras, "Publicações da Faculdade de Letras", 1967

MONTEIRO, Joaquim Rebelo Vaz - *Estudo Cartográfico de uma Viagem à India no século XVI*, Porto, Faculdade de Letras, "Publicações da Faculdade de Letras", 1970

CRUZ, António - *O Porto nas Navegações e na Expansão*, Porto, Faculdade de Letras, 1972

CURZ António - *Tempos e Caminhos. Estudos de História*, Porto, Faculdade de Letras do Porto, "Publicações da Faculdade de Letras", 1973

PENEDOS, Alvaro José dos Penedos - *O Pensamento Político de Platão*, I, Porto, Faculdade de Letras, "Publicações da Faculdade de Letras", 1978

Problemáticas em História Cultural (Actas do Colóquio de Outubro, 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo I", 1987

Bibliografia Cronológica de Espiritualidade em Portugal. 1501-1700, Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo II", 1988

Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão (Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, "Línguas e Literaturas - Anexo III", 1989.

"Fundo Primitivo" da Biblioteca Central. 1919-1928, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1989

FARDILHA, Luís Fernando de Sá - *Poesia de D. Manoel de Portugal. I - Prophana. Edição das suas Fontes*, Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo IV", 1991

Espiritualidade e Corte em Portugal nos Séculos XVI-XVIII (Actas do Colóquio de Maio, 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo V", 1993

SOVERAL, Eduardo Ábranches de - *Meditação Heideggeriana*, «Conferências da Faculdade de Letras do Porto - I», Porto, Ed. do Conselho Directivo, 1993

III - TRABALHOS PUBLICADOS EM COLABORAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES

A - Com o CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS (Anexo à Universidade do Porto) (CEH):

1 - REVISTAS:

Studium Generale, I série: 1953-1969, Centro de Estudos Humanísticos, Anexo à Universidade do Porto

Lucerna. Cadernos de Arquelogia, I série: 1961-1966, Centro de Estudos Humanísticos, Anexo à Universidade do Porto

2 - OUTRAS PUBLICAÇÕES:

CRUZ, Maria Isabel - *Novos subsídios para uma Edição Crítica da Lírica de Camões. Os Cancioneiros Inéditos de Madrid e do Escorial*, Porto, CEH, 1971

CRUZ, António - *O Porto na ^Génesis dos Descobrimentos*, Porto, CEH, 1960

CRUZ, António - *As Invasões Francesas*, Porto, CEH, 1968

CRUZ, António - *Album de Paleografia* (Edição Provisória), Organizado por..., Porto, Faculdade de Letras do Porto - CEH, 1968

RAMOS, Luís António de Oliveira - *O Cardeal Saraiva*, Vol. I, Porto, CEH, 1972

SOVERAL, Eduardo S. Abrantes - *O Método Fenomenológico: Estudo para a Determinação do seu Valor Filosófico*, Porto, C.E.H., "Amphitheatrum - XII", 1965

B - Com o INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (INIC):

1 - REVISTAS:

Revista de História, INIC-Centro de História (UP) (1978 ss.)

2 - OUTRAS PUBLICAÇÕES:

ARAUJO, Luís Carlos Gomes de - *A Ética como Pensar Fundamental. Elementos para uma Problemática da Moralidade*, "Estudos Gerais. Série Universitária", Lisboa, IN-CM, 1992

BRITO, Ana Maria Barros de - *A Sintaxe das Orações Relativas em Português. Estrutura, Mecanismos Interpretativos e Condições sobre a Distribuição dos Morfemas Relativos*, "Linguística - 17", Porto, INIC/Centro de Linguística (U.P.), 1991

CARVALHO, José Adriano Moreira de Freitas - *Gertrudes de Hefta e Espanha*, "Literatura - 5", Porto, INIC/Centro de Literatura (UP), 1981

FERNANDES, José Alberto V. Rio - *A Foz. Contribuição para o Estudo do Espaço Urbano do Porto*, Porto, INIC/FLUP, 1985

FONSECA, Luís Alberto Adão da - *O Condestável D. Pedro de Portugal, "História - 5"*, Porto, INIC/Centro de História (UP), 1982

HOMEM, Armando Luís de Carvalho - *O Desembargo Régio (1230-1433)*, "História Medieval - 5", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1990

- MARQUES, Helder - *Região Demarcada dos Vinhos Verdes. Ensaio de Geografia Humana*, Porto, INIC/FLUP, 1985
- MARQUES, João Francisco - *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*, "História - 6", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1986
- MARQUES, João Francisco - *A Parenética Portuguesa e a Restauração - 1640-1668*, 2 vols., "História Moderna e Contemporânea - 2", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1988
- MARTINS, Luís Paulo Saldanha - *Níveis Urbanos no Noroeste de Portugal. Dimensão Populacional e do Comércio a Retalho*, Porto, INIC/FLUP, 1985
- PINA, Maria Helena Mesquita - *Bertiandos. Actual Arranjo do Espaço Agrário*, Porto, INIC/FLUP, 1985.
- PINTO, Maria da Graça Lisboa Castro - *Abordagem a Alguns Aspectos da Compreensão Verbal na Crinça. Estudo Psicolinguístico do "Token Test" e de Materiais de Metodologia Complementar*, "Linguística - 8", Porto, INIC/Centro de Linguística (UP), 1988
- SANTOS, Cândido dos - *Os Jerónimos em Portugal. Das Origens aos finais do Século XVIII*, "Textos de História - 3", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1980
- SANTOS, Eugénio dos - *O Oratório no Norte de Portugal*, "Textos de História - 4", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1982
- SOUZA, Armindo de - *As Cortes Medievais Portuguesas (1385-1490)*, "História Medieval - 4", Porto, INIC/Centro de História (UP), 1990
- VILELA, Mário Augusto Quinteiro - *O Léxico da Simpatia Humana e Social. Estudo sobre o Campo Lexical da Determinação Substantiva de Simpatia Humana e Social (1850-1900)*, "Linguística - 1", Porto, INIC/Centro de Linguística (UP), 1980

C - Com o NÚCLEO DE ESTUDOS FRANCESSES DA UNIVERSIDADE DO PORTO:

1 - REVISTA:

Intercâmbio, 1990 ss

2 - OUTRAS PUBLICAÇÕES:

BRITO, Ferreira de - *Nas Origens do Teatro Francês em Portugal*, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1989

BRITO, Ferreira de - *Revolução Francesa. Emigração e Contrarrevolução*, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1989

BRITO, Ferreira de - *Voltaire na Cultura Portuguesa. Os Tempos e os Modos*, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1991

D - Com a BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO:

EIRAS, Adriano - *Faculdade de Letras do Porto 1919-1931. Contribuição para a sua História*, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989

IV - PUBLICAÇÃO DE ACTAS DE COLÓQUIOS E CONGRESSOS REALIZADOS OU APOIADOS PELA FLUP: Ver no final do «Guia»

V - OUTRAS PUBLICAÇÕES DA FACULDADE (Divulgação interna):

1 - CONSELHO DIRECTIVO

Guia do Estudante, Porto, 1980/81 ss

Faculdade de Letras. 1988-1989, Porto, 1989

Dissertações Académicas, Porto, 1991

Conferências da Faculdade de Letras do Porto, Porto 1993 ss

2 - BIBLIOTECA CENTRAL:

Boletim Bibliográfico (Semestral), 1979 ss. (A partir do vol. 13, nº 2, Jul./Dez 1991 editado também em suporte informático)

Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989; 1992 (Edição também em suporte informático)

Trabalhos de Docentes da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo II", Porto, 1989

Núcleo das Obras que Constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca

- Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto, 1990*
Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos, "Boletim Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990
- Catálogo do Instituto de Estudos Ingleses, Porto, 1992*
Catálogo da Sala Brasileira «Adolfo Casais Monteiro», Porto, 1993
Bibliografias Temáticas
Boletim de Sumários
Reservados da Biblioteca Central, 1^a ed., 1989; 2^a ed., 1990; 3^a ed., 1992
Actas das 4^a Jornadas PORBASE, Porto, Biblioteca Central da FLUP, 1991

VI - PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS NORTE DE PORTUGAL - AQUITÂNIA (CENPA):

I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia, Porto, Universidade do Porto - Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, 1986
*PEREIRA, Gaspar Martins - *O Douro. A Vinha, o Vinho e a Região de Pombal a João Franco*, Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, 1990*

II Jornadas de Estudo Norte de Portugal-Aquitânia. L'Identité Régionale. L'Idée de Région dans l'Europe du Sud-Ouest (CENPA, Bordéus, Março de 1988), Paris, CNRS, 1991

VII - PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO (AEFLUP):

1 - REVISTAS:

Humanidades
Ícone. Revista de Colaboração Artística
Letras Soltas. Jornal da AEFLUP

III Jornadas de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia «O Poder Regional. Mitos e Realidades», CENPA - Universidade do Porto, Porto, 22-26 de Março de 1993
Iº Congresso de Arqueologia Peninsular (Faculdade de Letras do Porto, 12-18 de Outubro de 1993)

ACTAS DE COLÓQUIOS E CONGRESSOS

- O Porto na Época Moderna* (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1979), "Revista de História", Porto, INIC/Centro de História UF, vol. II, 1979, vol III, 1980
- Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste* (Novembro de 1983), "Portugalia", Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Arqueologia, nova série, IV-V, 1983-1984
- I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1984), Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (CENPA), 1986
- II Jornadas Luso - Espanholas de História Medieval (Novembro de 1985), 4 vols., Porto, Centro de História UP/INIC, 1987, 1989, 1990
- Problemáticas em História Cultural* (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo I", 1987
- Victor Hugo e Portugal. No Centenário da sua Morte.* (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987). Actas do Colóquio, Porto, Ed. subsidiada pela Fundação Eng. António de Almeida e pela Fondation Calouste Gulbenkian, 1987
- Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor* (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Ingleses, 1988
- La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation* (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française - Secção de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, 1988
- Congresso Internacional "Bartolomeu Dias e a sua Época", 5 vols., Porto, Universidade do Porto - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989
- Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão.* Actas do Iº Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1988), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, "Línguas e Literaturas - Anexo III", 1989
- Encontro de Literatura Suíça* (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1989), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, 1989
- Eça e "Os Maias"*, I Encontro Internacional de Queirosianos (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1988), Porto, Edições ASA, 1990
- II Jornadas de Estudo Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA). *L'Identité Régionale. L'Idée de Région dans l'Europe du Sud-Ouest* (Bordéus, março de 1988), Paris, CNRS, 1991
- A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil* (Faculdade de Letras do Porto, 2-9 de Novembro de 1989), 2 vols., Porto, Universidade do Porto, 1992
- Espiritualidade e Corte em Portugal nos Séculos XVI-XVIII* (Actas do Colóquio de Maio, 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, "Línguas e Literaturas - Anexo V", 1993

COLÓQUIOS E CONGRESSOS PATROCINADOS OU APOIADOS PELA F.I.U.P.

O Porto na Época Moderna (Centro de História U.P., Novembro de 1979)

Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste (Instituto de Arqueologia, Novembro de 1983)

I Jornadas de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia, Novembro de 1984)

Victor Hugo e Portugal (7-10 de Maio de 1985)

II Jornadas Luso - Espanholas de História Medieval (Novembro de 1985)

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor (Instituto de Estudos Ingleses, 15-18 de Outubro de 1986)

Problemáticas em História Cultural (Instituto de Cultura Portuguesa, Outubro de 1986)

I Congresso de Literaturas Marginais (23-25 de Abril de 1987)

La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation (Maio de 1987)

Óscar Lopes. Homenagem da Associação de Estudantes da FLUP (Maio de 1987)

II Jornadas de Estudo Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA). L'Identité Régionale. L'Idée de Région dans l'Europe du Sud-Ouest, Bordéus, Março de 1988

Congresso Internacional «Bartolomeu Dias e a sua Época» (Universidade do Porto - Comissão Nacional dos Descobrimentos Portugueses, 21-23 de Setembro de 1988)

Era e "Os Maias", I Encontro Internacional de Queirosonianos (Novembro de 1988)

Iº Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (Instituto de Estudos Germanísticos, 6-7 de Outubro de 1988)

Encontro de Literatura Suíça (Maio de 1989)

A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil (Novembro de 1989)

Colóquio Comemorativo do 150º do Nascimento de Thomas Hardy (6-7 de Dezembro de 1990)

Colloque International Edouard Glissant (24-27 de Outubro de 1990)

Colóquio Evocativo do 50º Centenário da Morte de F. Scott Fitzgerald (Instituto de Estudos Norte-Americanos, 6-7 de Dezembro de 1990)

Jornadas Literárias Suiças (15-17 de Abril de 1991)

Colóquio com Michel Mohrt (Acad. Francesa) e com os romancistas Maurice Polard e Catherine Axelrad (19-21 de Junho de 1991)

Colóquio da Comissão Internacional de Diplomática (9-12 de Setembro de 1991)

Antero de Quental e o Destino de uma Geração, Colóquio Internacional no Centenário da sua Morte (20-22 de Novembro de 1991)

Colóquio «Educação, Cultura e Cultura Escolar» (17 de Janeiro de 1992)

Congresso «Municipalismo e Desenvolvimento no Noroeste Peninsular» - 140º Aniversário da Fundação do Concelho do Marco de Canavcenses (26-28 de Março de 1992)

Noites de Sociologia «Mudam-se os Campos, Mudam-se as Cidades»; «Cultura, Trabalho e Formação das Identidades Juvenis»; «O admirável Mundo Novo da Empresa?»; «Novos Movimentos Sociais: o Adeus às Lutas?» (29 de Abril, 7, 14, 20 de Maio de 1992)

Encontro do «Núcleo de Estudos Medievais - Linguística e Literatura» (4 de Maio de 1992)

Ciclo de Colóquios «Do Corpo Interditado ao Corpo Pedagógico»; «Determinismo(s) e Liberdade em Educação» (Instituto de Ciências da Educação, 21-28 de Maio de 1992)

Espiritualdade e Corte em Portugal (Séculos XVI-XVIII) (Instituto de Cultura Portuguesa, 28-30 de Maio de 1992)

XX Internationals Mediävistisches Colloquium (13-20 de Setembro de 1992)

VI Colóquio Ibérico de Geografia. A Península Ibérica - Um Espaço em Mutação (Instituto de Geografia, 16-20 de Setembro de 1992)

Linguagem. Colóquio de Homenagem a Vergílio Ferreira, nos cinquenta anos da sua vida literária (28-30 de Janeiro de 1993)

PROGRAMAS

PRÉ-HISTÓRIA

Docente: Dr. João Pedro Cunha Ribeiro

0. INTRODUÇÃO

Emergência e desenvolvimento da ciência pré-histórica e principais técnicas e métodos de investigação.

1. O QUATERNÁRIO

O enquadramento paleoambiental e cronológico do homem pré-histórico.

2. O PROCESSO DE HOMINIZAÇÃO

- 2.1. A origem do homem no quadro da evolução das espécies.
- 2.2. Do aparecimento dos hominídeos à emergência do Homo sapiens.

3. O PALEOLÍTICO

- 3.1. O Paleolítico Inferior: das primeiras sociedades humanas na África Oriental e Meridional à expansão do homem pelo Velho Mundo.
- 3.2. O Paleolítico Médio: a evolução dos comportamentos tecnológicos e o aparecimento de novas estratégias de subsistência.
- 3.3. O Paleolítico Superior: da complexificação das estratégias de subsistência ao desenvolvimento de uma vida espiritual.

4. O EPIPALEOLÍTICO E O MESOLÍTICO

Os caçadores-recolectores pós-glaciários e o aproveitamento das novas condições ambientais.

5. O NEOLÍTICO

- 5.1. Principais teorias explicativas sobre o aparecimento de uma economia de produção.
- 5.2. O Neolítico do Próximo Oriente: a região dos Montes Zagros, o Levante e a Anatólia.

5.3. O Neolítico na Europa: o Sudoeste europeu e a Europa Central; o Mediterrâneo ocidental, a Europa Atlântica e o fenómeno megalítico;

6. O CALCOLÍTICO E A IDADE DO BRONZE NA EUROPA

Das primeiras sociedades metalúrgicas ao desenvolvimento das primeiras civilizações.

BIBLIOGRAFIA

- BINFORD, Lewis R. - Em busca do passado, Publicações Europa - América, Col. Forum da História, Lisboa, s/d.
- CAMPBELL, Bernard - Ecologia Humana, Edições 70, Lisboa, 1988, p.262
- CHALINE, Jean - A Evolução Biológica do Homem, Editorial Notícias, Lisboa, 1984
- COHEN, Mark - La crisis alimentaria de la Préhistória, Alianza Editorial, Madrid, 1981
- DENNELL, Robin - Prehistoria Económica de Europa, Editorial Crítica, Barcelona, 1987
- GAMBLE, Clive - El poblamiento paleolítico de Europa, Editorial Crítica, Barcelona, 1990
- GUILLAINE, Jean (dir. de) - La Préhistoire, d'un Continent à l'Autre, Larousse, Paris 1989
- LEAKEY, Richard - As origens do Homem, Editorial Presença, Lisboa, s/d.
- LEROI-GOURHAN, A. - As religiões da Préhistória, Edições 70, Col. Perspectivas do Homem, Lisboa, s/d
- LEROI-GOURHAN, A. - Os caçadores da Pré-história, Edições 70, Col. Perspectivas do Homem, Lisboa, s/d.
- REDMAN, Charles - The rise of Civilization, From Early Farmers to Urban Society in the Ancient Near East, W.H. Freeman and Co, San Francisco, 1978
- RENAULT-MISKOWSKY, J., L'environnement au temps de la Préhistória, Méthodes et modèles, Masson, Paris, 1985.
- RENFREW, Colin, Before Civilization - The Radiocarbon Revolution and Préhistory of Europe, Penguin Books, s/d
- VÁRIOS - (dir. de J. Garanger) - La Préhistoire dans le Monde. Nouvelle édition de la Préhistoire d'André Leroi-Gourhan, Nouvelle Clio, P.U.F., Paris, 1992, p. 835.

CIVILIZAÇÕES PRÉ-CLÁSSICAS

Docente: Dr. José Amadeu Coelho Dias

I. Quadro Geral das Civilizações Pré-Clássicas

1. Delimitação Geográfico-cronológica.
2. O salto qualitativo da Idade do Bronze.

II. A Civilização do Egipto Faraónico

1. A importância do rio Nilo: região e povo.
2. As dinastias faraónicas e sua cronologia.
3. Sociedade, Economia, Cultura e Região.

III. As Civilizações Mesopotâmia: Cidades e Impérios

1. Os sumérios.
2. Os Acádicos.
3. Os Assírios.
4. Os Babilonenses.

IV. As Cidades de Canaan e difusão do Alfabeto

1. Mari e Ebla.
2. Ugarit (Chipre).
3. Israel e os "Povos do Mar".

V. Panorâmica de Civilizações

1. Civilizações Minóica, Micénica e Celta (Europa).
2. Civilizações do Rio Amarelo.
3. Civilizações Ameríndias (América).

BIBLIOGRAFIA

Anatologias de Textos

PRITCHARD, J. B. - Anciente Near East Texts (ANET), 3^a. ed., Princeton University Press, 1973

VÁRIOS - Israel e Judá - Textos do Antigo Oriente Médio, São Paulo, Ed. Paulinas, 1985

Indicações bibliográficas

GARELLI, Paul - El Proximo Oriente Asiático, 2 vols., Barcelona, ed. Labor, 1980, 1985 (Col. "N.Clio", 2,2 bis)

CARREIRA, José Nunes - Introdução à História e Cultura Pré-Clássica. Guia de Estudo, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1992

TAVARES, António Augusto - As Civilizações Pré-Clássicas. Guia de Estudo. Lisboa, Ed. Estampa, 1980

N.B. - Para cada capítulo será fornecida bibliografia adequada; também haverá recurso a textos de apoio.

SOCIEDADES, CULTURAS E CIVILIZAÇÕES CLÁSSICAS

Docente: Dr. Carlos Alberto Brochado de Almeida

GRÉCIA

1. Idade do Bronze

- 1.1. As Cíclades e Chipre.
- 1.2. Creta.
- 1.3. Civilização Micénica.

2. O mundo Homérico

3. A Época Arcaica

- 3.1. O desenvolvimento das "poleis".
- 3.2. Agricultura e problemas sócio-políticos.
- 3.3. Colonização.

4. A Época Clássica

- 4.1. Esparta.
- 4.2. Atenas.
- 4.3. As cidades gregas e sua política sócio-económica.

5. O Mundo Helenístico

6. A Cultura Grega

7. A Religião Grega

BIBLIOGRAFIA

AUSTINS, Michel; VIDAL-NAQUET, Pierre - Économies et Sociétés en Grèce Ancienne, Paris, Armand Colin, 1972

EFFENTERRE, Henri van - Les Égéens, Paris, Armand Colin, 1986

"- Mycennes. Vie et mort d'une civilisation, Paris, A. Colin, 1985

FINLEY, Moses I. - Les Premiers Temps de la Grèce: l'âge du bronze et l'époque archaïque, Paris, Flammarion, 1980

"- A Economia Antiga, Lisboa, Ed. Afrontamento, 1980

"- O Mundo de Ulisses, Lisboa, Ed. Presença, 1980

FREIRE, António - O Teatro Grego, Braga, Publ. Fac. de Filosofia, 1985

- GERNET, Louis - Anthropologie de la Grèce Antique, Paris, Flammarion, 1982
- HAMILTON, Edith - A Mitologia, Lisboa, Publ. D. Quixote, 1979
- LEVÈQUE, Pierre - Le Monde Hellenistique, Paris, Armand Colin, 1969
- MOSSE, Cl. - Les Institutions Grecques, Paris, Armand Colin, 1967
- PEREIRA, M^a Helena da Rocha - Estudos da História da Cultura Clássica, vol. I, 5^a ed., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1980
- " - Hélade, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1972
- VEYNE, Paul - Acreditaram os Gregos nos seus mitos?, Lisboa, Ed. 70, 1987

ROMA

1. As Origens de Roma

2. Roma dos Reis

3. República Romana

- 3.1. Evolução política.
- 3.2. Sociedade.
- 3.3. Economia.
- 3.4. Expansão.

4. Império Romano

- 4.1. O Século de Augusto.
- 4.2. A Crise do século III.
- 4.3. Diocleciano e a Restauração do Império.
- 4.4. Monarquia Constantina.

5. Religião

- 5.1. A Religião tradicional.
- 5.2. Cristianismo.

6. Romanização da Península Ibérica

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. - Portugal Romano, Lisboa, Ed. Verbo, 1974
- DONINI, Ambroglio - História do Cristianismo, Lisboa, Ed. 70, 1980
- DUMÉZIL, G. - La Religion Romaine archaïque, Paris, Payot, 1966
- GLAY, Marcel de - La Religion Romaine, Paris, Armand Colin, 1971

- GRIMAL, Pierre - La Civilisation Romaine, Paris, Flammarion, 1981
- HARMAND, L. - Société et Économie de la République Romaine, Paris, Armand Colin, 1976
- HEURGON, Jacques - Rome et la Méditerranée Occidentale jusqu'aux Guerres Puniques, Col. Nouvelle Clio, 1980
- HOMO, Léon - Les Institutions politiques Romaines, Paris, Albin Michel, 1970
- LEVI, Mario Atilio - Augusto e il suo tempo, (Rusconi Libri), Milano, 1986
- LOT, Ferdinand - O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média, Lisboa, Ed. 70, 1985
- MARTINO, F. de - Historia Económica de la Roma Antigua, 2 vols., 1985
- PIGANIOL, A. - Histoire de Rome, 5^a ed., Paris, 1962
- PETIT, P. - La Paix Romaine, Col. Nouvelle Clio, Paris, 1962
- PEREIRA, M^a Heléna da Rocha - Estudos de História da Cultura Clássica, vol. II, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1984
- VEYNE, Paul - La Società Romana (Editori Laterza) - Roma, 1990
- " - O Império Romano, in História da Vida Privada (dir. Philippe Ariès e Georges Duby) (Ed. Afrontamento), Porto, 1989

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA

Docentes: Dr. Ivo Carneiro de Sousa

Dr. Luis Miguel Duarte

Dr^a Inês Amorim

Dr^a Maria José Moutinho

I. Aulas teóricas

1. O campo da história: epistemologia, metódicas, problemas. A observação histórica. O discurso histórico.
2. Fontes, factos, dados e monumentos: "história-documento" e "história-problema". A construção cultural das fontes históricas.
3. A história da história: historiografia, cultura histórica, representação e memória histórica.
4. A historiografia portuguesa das origens dos nossos dias.

II. Aulas Práticas

1. Como trabalhar em Ciências Humanas.
 - 1.1. Noções metodológicas gerais.
 - 1.2. Instrumentos de trabalho.
2. Fontes.
 - 2.1. Fontes escritas.
 - 2.1.1. Fontes documentais.
 - 2.1.2. Fontes literárias.
 - 2.2. Fontes não escritas.
 - 2.2.1. Fontes materiais.
 - 2.2.2. Fontes iconográficas.
 - 2.2.3. Fontes orais.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

ARIÉS, Philippe - O Tempo da História, Lisboa, 1992

BAROJA, Júlio Caro - Las falsificaciones de la Historia, Barcelona,

1992

- BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé - Écoles (les) historiques, Paris, Seuil, 1983
- BRAUDEL, Fernand - História e Ciências Sociais, Lisboa, 1972
- CARBONELL, Charles-Olivier - Historiografia, Lisboa, 1987
- CHARTIER, Roger - História (A) Cultural: entre práticas e representações, Lisboa, 1988
- COCHRANE, Eric - Historians and Historiography in the Italian Renaissance, Chicago, 1985
- GINZBURG, Carlo - A Micro-História e outros ensaios, Lisboa, 1991
- GODINHO, Vitorino Magalhães - Ensaios, III. Sobre Teoria da História e Historiografia, Lisboa, 1971
- GUENÈE, Bernard - Histoire et Culture Historique dans l'Occident médiéval, Paris, 1980
- HIMMELFARB, Gertrude - The New History and the Old, Harvard, 1987
- LEGOFF, Jacques e NORA, Pierre (dir. de) - Fazer História, 3 vols., Lisboa, 1977
- " - La Nouvelle Histoire, Paris, 1978
- LOZANO, Jorge - El discurso histórico, Madrid, 1987
- MONTARANI, M. et al. - Problemas actuales de la História, Madrid, 1993
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo - A Historiografia Portuguesa, 3 vols., Lisboa, 1972, 1973 e 1974

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ARTE

Docente: Dr. Fausto Sanches Martins

1. HISTÓRIA DA ARTE: Aspectos Teóricos e Metodológicos

- 1.1. Conceito e objectivos.
- 1.2. Método científico.
- 1.3. Divisões.
 - 1.3.1. Cronológica.
 - 1.3.2. Geográfica.
 - 1.3.3. Lógica.

2. FONTES DA HISTÓRIA DA ARTE

- 2.1. A Obra de Arte: A primeira fonte.
 - 2.1.1. Lugar de Conservação.
 - 2.1.1.1. No solo.
 - 2.1.1.2. "In situ".
 - 2.1.1.3. Nos museus.
 - 2.1.1.4. Bibliotecas públicas.
 - 2.1.1.5. Colecções privadas.
 - 2.1.1.6. Exposições.
- 2.2. Bibliografia
 - 2.2.1. Repertórios bibliográficos.
 - 2.2.2. Léxicos e dicionários.
 - 2.2.3. Encyclopédias.
 - 2.2.4. Heurística.
 - 2.2.5. Sínteses.

3. HISTORIOGRAFIA DA ARTE

- 3.1. Antiguidade e Idade Média.
- 3.2. Renascença.
- 3.3. Séc. XVII-XVIII.
- 3.4. De Winckelman aos nossos dias.
- 3.5. Em Portugal.

4. ARQUITECTURA

- 4.1. Âmbito.
 - 4.1.1. Arquitectura civil.
 - 4.1.2. Arquitectura religiosa.

- 4.1.3. Arquitectura militar.
- 4.2. Elementos Formais.
- 4.2.1. Muros e vãos
- 4.2.2. Suportes e coberturas.
- 4.2.3. Decoração.
- 4.2.4. Organização do espaço.
- 4.2.5. Aspectos sociais.
- 4.2.6. Materiais.

5. PINTURA

- 5.1. Elementos formais.
- 5.1.1. Temática.
- 5.1.2. Composição.
- 5.1.3. Cor.
- 5.1.4. Luz.
- 5.1.5. Proporção.
- 5.1.6. Espaço.
- 5.2. Suportes, Materiais e Técnicas.
- 5.2.1. Fresco.
- 5.2.2. Têmpera.
- 5.2.3. Óleo.
- 5.2.4. Pastel.
- 5.2.5. Acrílico.
- 5.2.6. Aguarela e guache.
- 5.2.7. Encaustica.
- 5.2.8. Miniatura.

6. ESCULTURA

- 6.1. Definições e limites.
- 6.2. Materiais.
- 6.3. Técnicas.
- 6.4. Luz e cor.
- 6.5. Composição e expressão.

7. ARTES DECORATIVAS

- 7.1. Mosaico.
- 7.2. Esmalte.
- 7.3. Vitral.
- 7.4. Cerâmica.
- 7.5. Talha.

- 7.6. Vidro.
- 7.7. Marfim.
- 7.8. Tecidos.
- 7.9. Metais.
- 7.10. Mobiliário.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- 1977
- ARGAN, Giulio Carlo - Guida a la Storia dell'Arte, Firenze, Sansoni,
- BONET-CORREA (dir. de) - Historia de las Artes Aplicadas e Industriales en España, Manuales Arte, Madrid, Cátedra, 1982
- FERNANDEZ ARENAS, José - Teoria y metodología de la historia del arte, Barcelona, Anthropos, 1982.
- GENICOT, Luc Francis - Introduction aux sciences auxiliaires traditionnelles de l'histoire de l'art, Louvain-la-Neuve, 1984
- KOCH, Wilfried - Estilos de Arquitectura I e II, Lisboa, Presença, 1985
- LAVALLEYE, Jacques, Introduction a l'Archeologie et à l'histoire de l'art, Louvain-la-Neuve, 1979
- LUCIE-SMITH, Edward - Dicionário de Termos de Arte, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1990
- MARTIN GONZALEZ, Juan José - Las claves de la escultura, Barcelona, Ariel, 1986
- TEIXEIRA, Luís Manuel - Dicionario ilustrado de Belas-Artes, Lisboa, Presença, 1985
- TRIADÓ, Juan-Ramon - Las claves de la pintura, Barcelona, Ariel, 1986
- VARIOS AUTORES - Introducción a la Historia des arte, Barcelona, Barcanova, 1990
- Atlas d'Architecture Mondiale. Des Origines à Bysance, Paris, Ed. Stock, 1978
- Fuentes y Documentos para la Historia del Arte, 8 vol., Barcelona, Gustavo Gili, 1982-1983
- Guía Completo de Pintura y Dibujo, Madrid, Hermann Blume, 1982
- Guía Completo de Escultura, Modelado y Cerámica, Madrid, Hermann Blume, 1982
- Técnicas de los grandes Maestros de la Alfarería e Cerámica, Madrid, Hermann Blume, 1985

INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA

Docentes: Dr. João Pedro Ribeiro
Dr. António Baptista Lopes

0. INTRODUÇÃO

- 0.1. Breve história do nascimento e desenvolvimento da arqueologia até meados do nosso século.
- 0.2. Principais tendências no desenvolvimento da arqueologia na segunda metade do século XX.

1. OS TESTEMUNHOS ARQUEOLÓGICOS

- 1.1. Artefactos e ecofactos.
- 1.2. Jazidas arqueológicas e condições de preservação dos vários testemunhos.

2. A ARQUEOLOGIA DE CAMPO

- 2.1. Prospecção.
- 2.2. Escavação.

3. O TRABALHO DO GABINETE

- 3.1. Organização do registo arqueológico e preservação preliminar dos testemunhos.
- 3.2. Estudos do episódio arqueológico e seu restauro.

4. TRABALHOS COMPLEMENTARES DE LABORATÓRIO

- 4.1. Geoarqueologia.
- 4.2. Métodos de datação absoluta.
- 4.3. Estudos paleoambiente.

5. PUBLICAÇÃO DOS RESULTADOS DAS INVESTIGAÇÕES

6. A INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA E A DEFESA DO PATRIMÓNIO

BIBLIOGRAFIA

- BINFORD, Lewis R. - Em busca do passado, Publicações Europa - América, Col. Forum da História, Lisboa, s/d
- CAMPS, Gabriel - Manuel de Recherche Préhistorique, Doin Éditeurs, Paris, 1979
- GALLAY, Alain - L'Archéologia demain, Belfond/Sciences, Paris, 1986
- HODDER, Ian - Interpretación en Arqueología. Corrientes actuales, Editorial Crítica, Barcelona, 1988
- LEROI-GOURHAN, André - Les fouilles préhistoriques (Technique et méthodes), Éditions A. et J. Picard et Cie, Paris, 1950
- MOBERG, Carl-Axel - Introdução à Arqueologia, Edições 70, Col. Lugar da História, Lisboa, 1981

HISTÓRIA DA ARTE ANTIGA

Docente: Prof.Doutor António Cardoso

1. Introdução à Arte Clássica

1.1. A Arte pré-helénica.

1.2. O génio grego e o génio romano

2. A arquitectura clássica

2.1. A arquitectura grega: técnicas, materiais, concepção espacial e tipologias

2.2. A arquitectura helenística.

2.3. A arquitectura romana: técnicas, materiais, concepção espacial e tipologias.

3. A escultura clássica

3.1. A escultura grega: técnicas, materiais e iconografia

3.2. A escultura romana e tardoromana. O retrato.

4. A Pintura no mundo romano.

5. O urbanismo na Grécia e em Roma.

6. A arte romana peninsular.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA:

ALARCÃO, J. - Portugal Romano, Lisboa, Ed. Verbo, 1983

BARROW, R. H. - Les Romains, Paris, Payot, 1962

GODIVIER, Jean-Louis (dir.) - Atlas d'architecture mondiale. Des origines à Byzance, Paris, Éd. Stock 1978

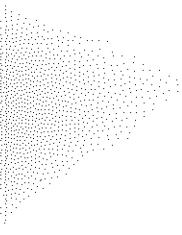
HAMILTON, E. - A Mitologia, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1979

NORBERG-SCHULZ, Christian - La signification dans l'architecture occidentale, Bruxelas, Pierre Mardaga, 1977

PEREIRA, Maria Helena da Rocha - Estudos de História da Cultura Clássica, vol. I, 5^a. ed., Lisboa, F. Calouste Gulbenkian, 1980

PIJOAN, J. (dir.) - História da Arte, Lisboa, Publicações Alfa, 1972

OPÇÕES



HISTÓRIA DA CIDADE DO PORTO

Docentes: Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva
Dr. António Barros Cardoso

1. As origens do burgo portuense: ponto da situação dos conhecimentos actuais.

2. A cidade medieval.

2.1. De couto episcopal a burgo de jurisdição régia.

2.2. Administração municipal durante a Idade Média.

2.3. Vectores de desenvolvimento económico.

2.4. A Cidade e o Termo.

3. O Porto na época moderna.

3.1. Sociedade, economia e administração do Porto na época moderna.

3.2. O crescimento da cidade no século XVIII. Aspectos urbanísticos.

4. O Porto no século de Oitocentos.

4.1. O Porto e as vicissitudes políticas do País.

4.2. Sociedade e economia no séc. XIX.

Sugestões de temas para investigação

. O Porto e a expansão portuguesa.

. Instituições de cultura na cidade.

. O Porto e a industrialização (sécs. XIX-XX).

. Recolha (exaustiva?) da bibliografia sobre o Porto.

BIBLIOGRAFIA

Para cada tema será indicada a bibliografia específica.

Como instrumento de trabalho e obras de consulta sugere-se o seguinte:

Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium eorum qui' in Archivo Municipali Portucalensi asservantur..., 5 vols, 1911-1961

Colecção "Documentos e Memórias para a História do Porto", 46 vols., Porto, 1936-1988

História da Cidade do Porto segundo plano de A. Magalhães Basto e dir. de Damião Peres e António Cruz, 3 vols., Porto, 1962-1965

Nova Monografia do Porto organizada por Carlos Bastos, Porto, 1938
COSTA, Pe Agostinho Rebelo da - Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto, 2^a edição, Porto, 1945

CUNHA, D. Rodrigo da - Catálogo e História dos Bispos do Porto, Porto, 1623
NOVAES, Manuel Pereira de - Anacrisis historial, Vol. IV da Colecção de
Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto,
1918

HISTÓRIA DE ARTE EM PORTUGAL

Docentes: Prof.Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida
Prof.Doutor Agostinho Araújo

Parte I

1. Artes Pré-Românticas em Portugal

2. Arte Romântica.

2.1. Arquitectura e Escultura.

2.2. Iluminura.

3. Arte Cistercience em Portugal.

4. Arte Gótica.

4.1. Arquitectura Mendicante.

4.2. O Mosteiro da Batalha.

4.3. Escultura devocional e tumular.

4.4. Nuno Gonçalves e os Paineis.

4.5. Iconografia medieval portuguesa.

5. Período Manuelino.

5.1. Arquitectura.

5.2. Pintura.

6. O Renascimento em Portugal.

Parte II

7. A Talha do Maneirismo.

8. A Arquitectura civil da Restauração.

9. A Pintura do Retrato no Barroco Joanino.

10. A importação de escultura e a oficina da Mafia.
11. A Reconstrução de Lisboa e o "estilo Pombalino".
12. O Azulejo Róccó.
13. O Neoclassicismo.
 - 13.1. Arquitectura.
 - 13.2. Escultura.
 - 13.3. Mobiliário.
14. O romantismo.
 - 14.1. Pintura.
 - 14.2. Gravura e Litografia.
15. A Escultura do Naturalismo.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- A.A.V.V. - Dicionário da Arte Barroca em Portugal, Lisboa, Editorial Presença, 1989
- ALMEIDA, C.A. Ferreira de - História da Arte em Portugal, vol. 2: Arte da Alta Idade Média, Lisboa, Publicações Alfa, 1988
- " - História da Arte em Portugal, vol. 3: O Romântico, Lisboa, Alfa, 1988
- ANACLETO, Regina - História da Arte em Portugal, vol. 10: Neoclassicismo e Romantismo, Lisboa, Alfa, 1987
- AZEVEDO, Carlos de - Solares Portugueses. Introdução ao Estudo da Casa Nobre, 2^a. ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1988
- BARREIRA, João (direc.) - Arte Portuguesa, 3 vols., Lisboa, Edições Excelsior, s/d 1951
- BORGES, Nelson Correia - História da Arte em Portugal, vol.9: Do Barroco ao Róccó, Lisboa, Alfa, 1986
- CHICÓ, Mario Tavares - Arquitectura Gótica em Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1978
- COCHERIL, Dom Maur - Routier des Abbayes Cisterciennes au Portugal, Paris, 1972
- CORREIA, José Eduardo Horta - Arquitectura Portuguesa. Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão, Lisboa, Editorial Presença, 1991
- CORREIA, Vergílio - Três Túmulos Portugueses, Lisboa, 1925

- DIAS, Pedro - História da Arte em Portugal, vol. 4: O Gótico, Lisboa, Alfa, 1987
- " - História da Arte em Portugal, vol. 5: O Manuelino, Lisboa, Alfa, s/d
- FRANÇA, José-Augusto - A Arte em Portugal no século XIX, 2^a ed., 2 vols., Lisboa, Bertrand, 1981
- " - Soleil et Ombres. L'Art Portugais du XIX. ème Siècle. Paris, Musée du Petit Palais, 1988
- " - O Retrato na Arte Portuguesa, Lisboa, Livros Horizonte, 1981.
- GONÇALVES, A. Nogueira - Arte Medieval, Coimbra, Epartur, 1980
- GUSMÃO, Adriano de - Nuno Gonçalves, Lisboa, Publicações Europa-América, 1957
- GUSMÃO, Artur Nobre de - A Real Abadia de Alcobaça, 2^a. ed., Lisboa, 1992
- KUBLER, George - A Arquitectura Portuguesa Chã. Entre as Especiarias e os Diamantes 1521-1706, Lisboa, Vega 1988
- MARKL, Dagoberto - História da Arte em Portugal. vol. 6: O Renascimento, Lisboa, Alfa, 1986
- MATIAS, M. Margarida L. G. Marques - "O naturalismo na escultura", in História da Arte em Portugal, vol. 11. Do Romantismo ao Fim do Século, Lisboa, Alfa, 1987, p.p. 131-151
- MECC, José - História da Arte em Portugal. Volume complementar: O Azulejo em Portugal, Lisboa, Publicações Alfa, 1989
- " - "As artes decorativas", in História da Arte em Portugal, vol.7: O maneirismo, Lisboa, Alfa, 1986, p.p. 153-177
- SANTOS, Reynaldo dos - Os Primitivos Portugueses (1450/1550), 3^a. ed., Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1958
- " - A Escultura em Portugal, 2. vol., Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1948-1950
- " - O Estilo Manuelino, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1952
- " - Oito Séculos de Arte Portuguesa, 3 vols., Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1963-1970
- SMITH, Robert C. - A Talha em Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1963
- " - The Art of Portugal, 1500-1800, New York, Meredith Press, 1968
- SOARES, Ernesto - História da Gravura Artística em Portugal, 2^a. ed. Lisboa, Livraria Samcarlos, 1971

HISTÓRIA URBANA GERAL E DE PORTUGAL

Docentes: Prof. Doutor Joaquim Jaime B. Ferreira Alves
Dr. Fausto Sanches Martins

1. Introdução.

- 1.1. A cidade: formas; funções e tentativa de definição.
- 1.2. Paisagem urbana: noção e elementos caracterizadores.

2. Aspectos do mundo urbano no Egípto Faraónico e na Mesopotâmia.

3. A cidade cretense e a cidade micénica.

4. O urbanismo clássico.

- 4.1. O nascimento e desenvolvimento da cidade grega.
- 4.2. A colonização e o aparecimento de novas cidades.
- 4.3. A cidade em Platão e Aristóteles.
- 4.4. O urbanismo etrusco e o ritual de fundação.
- 4.5. As cidades romanas: de Roma a Constantinopla.
- 4.6. A cidade em Vitrívio.

5. Urbanismo medieval.

- 5.1. A cidade medieval: origens e formas.
- 5.2. A rua e a praça na cidade medieval.
- 5.3. Cidades de peregrinação: Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela
- 5.4. A cidade no mundo islâmico.
- 5.5. O Porto medieval.
- 5.6. Veneza.

6. Urbanismo do século XVI.

- 6.1. O novo ideal urbano.
- 6.2. A cidade dos teóricos. Cidade e utopia.
- 6.3. A nova arquitectura militar.
- 6.4. A Florença do século XVI.
- 6.5. Roma e as grandes transformações quinhentistas.

- 7. Urbanismo dos séculos XVII e XVIII.**
 - 7.1. Urbanismo e política.
 - 7.2. Vauban e as novas muralhas.
 - 7.3. As novas cidades - São Petersburgo.
 - 7.4. Versalhes: e a sua influência na Europa.
 - 7.5. Roma.
 - 7.6. Paris
 - 7.7. Londres
 - 7.8. Bath e a importância crescente das cidades termais.

- 8. O urbanismo em Portugal nos séculos XVII e XVIII.**

- 8.1. Aspectos do Porto e de Lisboa antes da segunda metade do século XVIII.**
- 8.2. As transformações urbanas em Lisboa na segunda metade do século XVIII.**
- 8.3. As transformações urbanas no Porto na segunda metade do século XVIII.**
- 8.4. As cidades portuguesas setecentistas através dos livros de viagens.**

- 9. A cidade e a festa nos séculos XVI, XVII e XVIII.**

BIBLIOGRAFIA

- BENEVOLO, Leonardo - Diseño de la ciudad, México, Ed. G. Gili, 1979
- CHARRE, Alain - Art et urbanisme, "Que sais-je?", nº 2089, Paris, PUF, 1983
- FERREIRA ALVES, Joaquim Jaime B. - O Porto na Época dos Almadas (1757-1804). Arquitectura. Obras Públicas, Porto, 1987
- FRANÇA, José-Augusto - Lisboa Pombalina e o Iluminismo, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977
- GUIDONI, Enrico; MARINO, Angela - Historia del urbanismo. El siglo XVI, Madrid, 1985
- "- Historia del urbanismo. El siglo XVII, Madrid, 1982
- LAVEDAN, Pierre; HUGUENEY, Jeanne - L'urbanisme au Moyen Age, Genève, Droz, 1974
- SICA, Paolo - Storia dell'urbanistica. Il settecento, Roma-Bari, 1976
- SIGAL, Pierre André - Les marcheurs de Dieu. Pèlerinages et pèlerins au Moyen Age, Paris, Armand Colin, 1972

TEORIAS E CRÍTICA DA ARTE

Docente: Prof^a Doutora Natália Marinho Ferreira Alves

1. Introdução.

1.1. Abordagem metodológica.

1.2. As teorias da arte e a crítica da arte: génese e evolução da disciplina.

2. O Homem e a criação artística.

2.1. A arte e o gosto.

2.2. O artista e a criação.

2.3. O papel da imaginação na génese da obra de arte.

2.4. O belo e o feio. O completo e o inacabado. O racional e o irracional.

3. A Antiguidade Clássica.

3.1. A crítica da arte e a figura de Xenócrates.

3.2. A Beleza e as condições necessárias para a sua existência: a ordem, a proporção, o limite e a simetria.

3.3. As posições de Platão e de Aristóteles face ao fenômeno artístico: a imaginação, o prazer estético, o belo e a mimésis.

3.4. Roma e a admiração pelo pensamento helénico. A tentativa de conciliação das posições de Platão e de Aristóteles.

3.4.1. Cícero e Quintiliano: os cânones escultóricos e pictóricos dos "connaisseurs".

3.4.2. Vitrúvio e a importância do seu tratado De Architectura. Aspectos contemporâneos da visão vitruviana.

4. A Idade Média.

4.1. A relação entre arte e espiritualidade.

4.2. A Beleza e o Divino.

4.3. Santo Agostinho e a sua teoria estética.

4.4. S. Tomás de Aquino e a sua concepção de Beleza.

4.5. O valor das encyclopédias e dos tratados de óptica.

5. O Renascimento.

5.1. O "Quattrocento" florentino e o neoplatonismo.

5.2. Os Comentários de Lorenzo Ghiberti e o ambiente artístico de Florença.

5.3. As leis da perspectiva linear e Filippo Brunelleschi: a definição das teorias renascentistas sobre o espaço.

- 5.4. O papel dos teóricos. A importância dos tratados de Leão Battista Alberti, Piero della Francesca e de Leonardo da Vinci.
- 5.5. Os escritos de Leonardo e as teorias da arte da Alta Renascença.
- 5.6. A Alta Renascença e as novas concepções artísticas. Castiglione e o valor atribuído à pintura.
- 5.7. Benedetto Varchi e a Dissertação sobre a primazia das artes: a importância do inquérito no contexto teórico-crítico renascentista.
- 5.8. As Vitae de Vasari: aspectos biográficos, teóricos e críticos.
- 5.9. O impacto das obras de Ludovico Dolce e de Paolo Pino: papel e a função do crítico.

6. O período barroco.

- 6.1. A arte barroca e as vertentes realista e classicizante.
- 6.2. As directrizes tridentinas e a sua influência nas artes plásticas.
- 6.3. O contributo dos escritos de Agucchi e Mancini para a compreensão das teorias apontadas pelos Carracci e da visão caravaggista.
- 6.4. A crítica da arte e as posições de Bellori e de Boschini.

BIBLIOGRAFIA

- BEARDSLEY, M. C.; HOSPERS, J. - Estética: Historia y Fundamentos, Madrid, Ediciones Cátedra, 1976
- ECO, Umberto - Arte e Beleza na Estética Medieval, Lisboa, Editorial Presença, 1989
- HAUSER, Arnold - Teorias da Arte, Lisboa, Editorial, Presença, 1973
- KRIS, Ernest/KURZ, Otto - Lenda, Mito e Magia na Imagem do Artista, Lisboa, Editorial Presença, 1988
- PANOFSKY, Erwin - Renacimiento y Renacimientos en el Arte Occidental, Madrid, Alianza Editorial, 1975
- " - Idea. Contribución a la Historia de la Teoría del Arte, Madrid, Ediciones Cátedra, 1977
- RICHARD, André - La Critique d'Art, Paris, P.U.F., 1968
- SCHOLOSSER, Julius - La Literatura Artística. Manual de Fuentes de la Historia Moderna del Arte, Madrid, Ediciones Cátedra, 1976
- VENTURI, Lionello - Histoire de la Critique d'Art, Paris, Flammarion, 1969
- COLECÇÃO de 8 volumes - Fuentes y Documentos para la Historia del Arte, Barcelona, Gustavo Gili, 1982-1983

HISTÓRIA COMPARADA DAS RELIGIÕES

Docente: Dr. José Amadeu Coelho Dias

1. Problemática das Religiões.

- 1.1. A ciência das religiões.
- 1.2. Natureza e origem das religiões.
- 1.3. Interpretações da religião.

2. As Grandes religiões contemporâneas.

- 2.1 Judismo, Cristianismo, Islamismo.
- 2.2. Hinduísmo, Budismo.
- 2.3. Taoísmo, Xintuismo.

3. As religiões da Antiguidade.

- 3.1. Préhistória e religiões tradicionais.
- 3.2. Religiões mediterrânicas e europeias.
- 3.3. Religiões ameríndias.

BIBLIOGRAFIA GERAL

CAILLOIS, Roger - O homem e o sagrado, Lisboa, 1979

ELIADE, Mircea - Tratado de História Comparada das Religiões,
Lisboa, 1977

"- História das Crenças e das ideias religiosas, 4 tomos, Rio de Janeiro,
1978/80.

JAMES, Ewo - Introducción a la historia de las religiones, Madrid, 1973

MESLIN, Michel - Aproximación a una ciencia de las religiones, Madrid, 1978

WIDENGREN, Geo - Fenomenología de la Religión, Madrid, 1976

TOKAREV, Serguei - História das Religiões, Moscovo, 1986

HISTÓRIA DO BRASIL

Docentes: Prof. Doutor Eugénio Francisco dos Santos
Prof. Doutor Jorge Alves

1. Do Descobrimento à primeira organização territorial.
2. O período de formação (e delimitação) de fronteiras.
3. As fases (ou ciclos) da economia brasileira.
4. A Igreja: a missão e a formação cultural das gentes.
5. Formação da Sociedade multirracial brasileira.
6. De Pombal à Independência.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CALMON, Pedro - História do Brasil, Rio de Janeiro, 1963
- CAMINHA, Pero Vaz de - Carta a D. Manuel, várias edições
- CARDIM, Fernão - Tratados da Terra e Gentes do Brasil. S. Paulo, 2^a ed., 1939
- Cartas Jesuíticas, Edições Itatiaia, 3 vols., 1988
- CORTESÃO, Jaime - Obras Completas, várias edições
- HOLANDA, Sérgio Buarque (dir. de) - História do Brasil, várias edições
- MAURO, Frédéric (org. de) - O império luso-brasileiro 1620-1750, Lisboa, 1991
- NÓBREGA, Manuel da - Diálogo sobre a conversão do gentio, várias edições
- SALVADOR, Fr. Vicente do - História do Brasil, várias edições
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da - O império luso-brasileiro. 1750-1822, Lisboa, 1986
- SODRÉ, Nelson W. - Formação Histórica do Brasil, várias edições

MATEMÁTICA PARA AS CIÉNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Docente. Dr. Henrique David

1. A importância dos métodos quantitativos no processo de investigação.
2. Os métodos quantitativos como meio de descrever a realidade social.
 - 2.1. Classificação e ordenação dos dados. Tabelas.
 - 2.2. Proporção, percentagem, racio, taxa e taxa de variação
 - 2.3. Representações gráficas.
 - 2.4. Medidas de Tendência Central .
 - 2.5. Medidas de variabilidade ou dispersão.
3. Os métodos quantitativos como meio de interpretação e explicação da realidade social.
 - 3.1. Análise de variância.
 - 3.2. Teste de X².
 - 3.3. Análise de correlação simples.
 - 3.4. Análise de correlação parcial e múltipla.
4. As séries temporais.
 - 4.1. Taxas de crescimento.
 - 4.2. Estudo da tendência pelo método das médias móveis.
 - 4.3. Análise de regressão.
 - 4.4. Movimento sazonal.
 - 4.5. Números-índices.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- LEVIN, Jack - Estatística aplicada às Ciéncias Humanas, S. Paulo, Editora Harper & Row do Brasil, 1978
- MIALARET, Gaston - Estatistiques appliquées aux Sciences humaines, Paris, P.U.F., 1991
- NAZARETH, J. Manuel - Introdução aos métodos quantitativos em Ciéncias Sociais, Lisboa, Faculdade de Ciéncias Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1981
- SALY, Pierre - Méthodes statistiques descriptives pour les historiens, Paris, Armand Colin Éditeur, 1991

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Docentes: Prof.Doutor Eugénio dos Santos
Dr^a. Maria José Moutinho dos Santos

1. Raízes do pensamento pedagógico ocidental.
2. A construção da actividade pedagógica medieval: dadesagregação do Império Romano do Ocidente à criação das grandes universidades.
3. Humanismo, Renascença e reflexão sobre as exigências da pedagogia do "homo novus".
4. A época barroca e a exigência de uma nova forma de enquadramento pedagógico.
5. O pensamento científico, o pré-iluminismo e as novas preocupações pedagógicas.
6. "Luzes" e educação.
7. O liberalismo e os novos ideais burgueses e democráticos na criação e funcionamento das escolas.
8. Socialismo, republicanismo e massificação da cultura: que escolas?
9. A pedagogia nos períodos entre as duas grandes guerras.
10. Os anos cinquenta - novas filosofias educativas e seus resultados práticos.
11. Escola e sociedade. A crise da escola.

OBS: Nas aulas práticas serão abordadas questões sugeridas pelos alunos decorrentes dos conteúdos das aulas teóricas.

BIBLIOGRAFIA

- ABBGANANO, N; VISALBERGHI A.- História da Pedagogia, Livros Horizonte, 1981
- ARIÈS, Philippe - L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime. Paris, Seuil, 1973
- CARVALHO, Adalberto Dias de - Epistemologia das ciências da educação. Porto, Afrontamento, 1988
- CARVALHO, romulo - História do ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986
- CHARTIER, Roger - As práticas da escrita, in "História da vida privada", vol. 3, Porto, Edições Afrontamento, 1990, p. 113-161
- COMPERE, Marie-Madeleine; JULIA, Dominique - Les collèges français: 16 e 18e siècles. Paris, CNR, 1984-1998
- GARIN, eugénio - O Renascimento. História de uma revolução cultural. Porto, Telos Editora, 1972
- GOMES, Joaquim Ferreira, et al. - História da educação em Portugal. Lisboa, Livros Horizonte, 1988
- História Mundial da Educação, direcção de Jean Vial e Gaston Mialaret, Porto, Rés Editora, s/d
- LE GOFF, Jacques - Les intellectuels au moyen Age. Paris, Seuil, 1957
- MARROU, H-I- Histoire de l'éducation dans l'antiquité. Paris, Seuil, 1981
- MÓNICA, M^a. Filomena - Educação e Sociedade no Portugal de Salazar. Lisboa, ed. Presença, 1978
- NÓVOA, António Manuel Sampaio da - Le temps de Professeurs - Analyse socio-historique de la profession enseignant au Portugal (XVIII-XX siècle). Lisboa, INIV, 1987
- SILVA, Francisco Ribeiro da A Alfabetização no Antigo Regime. O caso do Porto e da sua região (1580-1650). "Revista da Faculdade de Letras - História", Porto, 2^a. série, vol. 3, Porto, 1986, p. 101-163
- STOER, Stephen - Educação, Estado e Desenvolvimento em Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1982

HISTÓRIA DAS DOUTRINAS ECONÓMICAS E SOCIAIS

Docentes: Prof. Doutor Jorge Fernandes Alves
Dr^a. Maria José Moutinho dos Santos

1. Problemática geral-âmbito, limites e especialidade da disciplina.
2. O idealismo económico e social - da Antiguidade à Idade Média. (de Platão aos Padres da Igreja)
3. O tempo da sistematização - a emergência da economia política. (do mercantilismo a Adam Smith).
4. A Economia Política e a industrialização - ajustamentos e críticas. (de Malthus e Ricardo ao neoclássicos).
5. A vertente socialista - da utopias às ideologias.
(de T. Morus a Marx e Bernstein)
6. Os problemas do século XX e as posições teóricas.
(de Keynes aos neo-liberais).
7. A crise actual, a interdependência, interrogações.
(a derrota ideológica? a vitória do mercado? o fim da história?)

Obs. As aulas práticas serão, de preferência, dedicadas ao publicismo de natureza económica e social de expressão portuguesa, cujos temas, autores e publicações serão discutidos/selecionados com os alunos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BONCOEUR, Jean e THOUÉMENT, Hervé - Histoire des Idées Économiques, Paris, Nathan, 1992
- CARDOSO, José Luis - O pensamento económico em Portugal nos finais do século XVIII, Lisboa, Estampa, 1991

- CASTRO, Armando de - O Pensamento Económico no Portugal Moderno, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, Col. Biblioteca Breve, 1980
- CIPOLLA, Carlo M., - História Económica de Europa (3), Barcelona, Ariel, 1983 (cap. 9)
- DELFAUD, Pierre - Keynes e o Keynesianismo, P. Europa-América, s/d
- DENIS, Henry - A Formação da Ciéncia Económica. Lisboa, L. Horizonte, s/d
"- História do Pensamento Económico, L. Horizonte, 1974
- DIGBY, A. e FEINSTEIN, Ch. (eds) - New Directions in Economic and Social, Londres, Macmillan, 1989
- GALBRAITH, John Kenneth - A Era da Incerteza - Uma história de ideias económicas e das suas consequências, Lisboa, Moraes, 1980
" - Economia e Bem Público, Lisboa, P. Dom Quixote, 1974
" - O Novo estado industrial. Lisboa, P. Dom Quixote, 1969
- GÉLÉDAN, Alain e BRÉMOND, Janine - Dicionário das Teorias e Mecanismos Económicos, Lisboa, L. Horizonte, 1988
- HEILLLBRONER, Robert L. - Os Grandes Economistas, Lisboa, P. Dom Quixote, 1974
- KINDLEBERGER, Charles P., Economic Laws and Economic History, Cambridge University Press, 1989
- MORIN, Edgar - As Grandes Questões do Nosso Tempo, Lisboa, Editorial Notícias, 1992
- MORIN, Edgar e outros - Os Problemas do fim do Século, Lisboa Editorial Notícias, 1991
- NUNES, Adérito Sedas - História dos Factos e das Doutrinas Sociais, Lisboa, Presença 1993
- PEDROSA, Alcino e outros - Contribuições para História do Pensamento Económico em Portugal, Publicações Dom Quixote, 1988
- POLANYI, Karl - A Grande Transformação - as origens da nossa época, Rio de Janeiro, ed. Campus, 1988
- WALLERSTEIN, Immanuel - The Modern Word System, 2 vols., Nova Iorque, Academic Press, 1974 (Trad. Portuguesa, "Sistema Económico Mundial", Ed. Afrontamento)

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Pré-História | 1 |
| Civilizações Pré-Clássicas | 3 |
| Civilizações Clássicas | 5 |
| Introdução à História | 8 |
| Introdução à História de Arte | 10 |
| Introdução à Arqueologia | 13 |
| História de Arte Antiga | 15 |
| <u>Opcões</u> | |
| História da Cidade do Porto | 1 |
| História de Arte em Portugal | 3 |
| História Urbana Geral e de Portugal | 6 |
| Teorias e Críticas de Arte | 8 |
| História Comparada das Religiões | 10 |
| História do Brasil | 11 |
| Matemática para as Ciências Humanas e Sociais | 12 |
| História da Educação | 13 |
| História das Doutrinas Económicas e Sociais | 15 |